

## Esperança no 1º Congresso Regional de Sobrevivente de Cancro

**O presidente da Secção Regional da Ordem dos Farmacêuticos disse estar confiante nas respostas que o congresso trará e fala do poderoso “arsenal” terapêutico que aí vem.**

**D**esmistificar a doença oncológica, através de uma abordagem rigorosa que toca em várias latitudes, colocando “todos do mesmo lado da barricada”, ampliar conhecimentos sobre os novos e potentes fármacos que aí vêm, e gritar aos quatro ventos a esperança real que os mesmos representam são os magistrais propósitos do 1.º Congresso Regional de Sobreviventes de Cancro, afirmou, em entrevista ao JM, Bruno Olim, presidente da Secção Regional da Madeira da Ordem dos Farmacêuticos, entidade que, em conjunto com o Núcleo Regional da Liga Portuguesa contra o Cancro, organiza o evento, que decorre nos dias 28 e 29 de outubro, sábado e domingo, no auditório do hotel Meliã Madeira Mare.

Subintitulado ‘Sobreviver ou viver?’, o encontro coloca à cabeça a interrogativa, no intuito de dissipar a “sombra da morte” que prevalece sempre que se fala em cancro. “O cancro não é uma sentença de morte. A vida sim. No

entanto, por uma questão socio-cultural, o cancro ainda carrega um grande estigma, sobretudo devido aos efeitos adversos da terapêutica. Ouvimos falar de cancro e sentimos um suor frio.”, explica Bruno Olim, vincando a pertinência deste congresso, também enquanto impulsor de uma mudança de mentalidade relativamente ao modo de olhar e enfrentar uma doença que, dentro de aproximadamente uma década, atingirá cinquenta por cento da população e daqui a cinquenta

**Temos linhas de investigação extraordinárias. Neste momento, já é possível programar o organismo para combater o cancro.”**

anos nos acometerá a todos, tal como defendeu o médico e investigador Sobrinho Simões, numa entrevista recente ao Expresso, ressaltando, porém, que “não vamos morrer disso.”

### **VIVER COM O CANCRO**

“O cancro tornar-se-á uma doença crónica, então, vamos passar a viver com ele como vivemos com outras doenças.”, nota Bruno Olim, apontando que esta realidade, bem como os tempos que a antecedem, vêm impor novos e importantes desafios a todos os atores sociais.

As notícias são boas e os especialistas já navegam com um certo à-vontade na palavra esperança. Porquê? Porque a esperança deixou de ser uma mera palavra de con-

so. Hoje, já podemos, efetivamente, esperar que vai mesmo ‘correr tudo bem’. “Temos linhas de investigação extraordinárias. A indústria está a dedicar-se a cem por cento a esta causa, e não res-

tam dúvidas de que a biotecnologia está muitíssimo avançada. Neste momento, já é possível programar o organismo para combater o cancro, o que é fantástico.” Mas estarão estas terapêuticas ao alcance de todos [leia-se de qualquer bolso]? Não no imediato, este não é motivo para que a esperança esmoreça. “Neste momento, os preços são, de facto, incomportáveis para qualquer serviço de saúde em qualquer parte do mundo.”, esclarece Bruno Olim, salientando que, no entanto, podemos manter firme a esperança no controlo do cancro. “Será uma questão de tempo, num futuro muito próximo todo este ‘arsenal’ ficará acessível a preços normalizados”, assegura, fazendo questão de reafirmar o elevado comprometimento da indústria farmacêutica na prossecução daquilo a que chama um “desígnio”. “Não quero colocar-me na posição de ‘advogado do diabo’, mas estou profundamente convicto desse desígnio. Claro que a indústria não quer, nem pode, trabalhar gratuitamente, e não há como contornar os elevados custos envolvidos num projeto de investigação deste nível. Basta observarmos que se parte de 10 mil moléculas para encontrar uma única que chega ao mercado. Veja o investimento que teve de ser feito.

#### PARA CADA PERGUNTA UMA RESPOSTA

Respostas; é também (e muito) disto que trata o congresso. Respostas essas que vão emergir de várias esferas da sociedade, pelas vozes de profissionais de saúde, investigadores e “vivos” do cancro. Entre os principais oradores encontram-se o nutricionista Bruno Sousa e os especialistas nacionais do medicamento na área oncológica, António Melo Gouveia e Nuno Vilaça Marques. Este congresso constitui uma oportunidade única para esclarecer dúvidas e encontrar pontos de apoio em várias frentes, garante Bruno Olim. “Há ainda muito desconhecimento no que ao cancro diz respeito, quer por parte dos doentes, quer, por vezes, por parte dos próprios profissionais de saúde. Mas, na verdade, as respostas estão em todo o lado. Neste encontro, vamos falar sobre nutrição, sobre psicologia, sobre terapêuticas, sobre relações humanas. Temos de perceber o que é o dia a dia das pessoas que vivem com cancro. Queremos que estas pessoas não existam na sombra do medo do dia final. Queremos que tenham qualidade de vida, que sejam viventes e não sobreviventes. Todos estamos aqui para viver na plenitude. O dia de amanhã é tão incerto para um doente oncológico como para qualquer um de nós.”

#### DA IMPORTÂNCIA DE “UMA MÃO ACOPLADA A UMA MÁ NOTÍCIA”

O presidente da secção regional da Ordem dos Farmacêuticos destaca o papel crucial do médico e de outros profissionais de saúde na abordagem à doença e põe a tónica no humanismo, na relação de empatia que estes devem procurar estabelecer com o doente, contrariando o habitual discurso do não-envolvimento. “Embora estejamos muito formatados para não nos envolvermos, temos de posicionar-nos no mesmo patamar do doente. Eu próprio, enquanto farmacêutico, procedo dessa forma. Temos de sentir amor pelo doente, é fundamental existir uma mão acoplada a uma má notícia. E não há problema nenhum se chorarmos com o doente que está diante de nós. Esta é outra das mensagens que queremos transmitir neste congresso, a importância da compaixão.”

Mais informações sobre o 1.º Congresso Regional de Sobreviventes de Cancro, incluindo o programa completo e o formulário de inscrição, estão disponíveis no site da Liga Portuguesa Contra o Cancro ([www.ligacontracancro.pt](http://www.ligacontracancro.pt)). JM

**“Queremos que estas pessoas não existam na sombra do medo do dia final. Queremos que tenham qualidade de vida, que sejam viventes e não sobreviventes. O dia de amanhã é tão incerto para um doente oncológico como para qualquer um de nós.”**

